

COMUNICAÇÃO E EDUCAÇÃO: UMA CONFLUÊNCIA POSSÍVEL

Alexandre Akio Casoto Suenaga¹

Resumo:

No seguinte texto busco pensar os campos da Comunicação e da Educação problematizando que apesar de serem tratados de modos distintos, ambos emergem na relação e, assim, se constituem como uma confluência possível que chamo de *comunicação-educação*. As questões que coloco partem de uma reflexão teórica atravessada por minha experiência. Para tanto, me alio a autores que em suas trajetórias demonstram a importância de se pensar nossas relações com o outro, tomando como linha condutora minha proximidade com os afetos de Luis Carlos Restrepo em seu livro “O Direito a Ternura”.

Palavras-chave: Comunicação. Educação. Relação. Afeto. Experiência.

Muito se fala hoje sobre interdisciplinaridade, mas o que essa palavra significa realmente? Penso em um significado que surge da experiência, daquilo que vivemos e sentimos, e não de um conceito. Como tomar para si essa palavra pomposa? Fazer da comunicação e da educação não só uma confluência possível, mas uma relação material, corpórea e simples. Ora, para mim parece imperativo embaçar as fronteiras. Sempre encarei a comunicação e a educação como algo que surge *entre*, na relação e que, portanto, escapa de qualquer definição estanque, de qualquer captura ou instrumentalização. Além do mais, não consigo as conceber como áreas separadas ou tampouco como campos que conversam. Assim digo *comunicação-educação* como um mesmo em movimento, uma noção mutável que cada um deve tomar para si e criar seu peso e sua medida.

“O movimento acontece sempre nas costas do pensador, ou no momento em que ele pisca” (DELEUZE; PARNET, 1998, p.9). Isso quer dizer que a vida não acontece ali onde se imagina. E muitas vezes a educação não acontece na escola, muito menos na família. E a comunicação não acontece nos meios, muito menos nas tecnologias. Na realidade, o que

¹ Mestrando no Programa de Pós-Graduação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo. E-mail: alexandresuenaga@gmail.com.

ocorre muitas vezes nestes espaços é algo que corre na contramão disso que chamo de *comunicação-educação*, algo que nos afasta da relação, de sentir e estar com o outro. A força de Paulo Freire e também sua beleza é justamente pensar a educação como comunicação, como relação, como algo que surge *entre*. A educação era algo que o chamava, que o desenhava como homem no mundo. E o que frequentemente se vê hoje por parte de seus “seguidores” é um discurso vazio, de certa gentileza transformada em acessório e muitas vezes de uma educação pintada de rosa e azul que ignora por completo a luta e o suor que a educação significava para ele. “Somente na comunicação tem sentido a vida humana” nos diz Freire (2011 [a], p. 89), e é somente lá que ela pode surgir, na relação, quando os olhos de um olham para o outro, quando os corpos se entrecruzam e dão existência afetiva um ao outro.

Portanto, essa noção de *comunicação-educação* surge como caminho e se explicita na dupla relação que criei com a comunicação e a educação. Quando falo dupla relação quero dizer que ao mesmo tempo em que estudar comunicação e educação me anima, ao mesmo tempo em que sinto que sobre esses dois grandes temas (que para mim é um só) minhas palavras ganham vida e podem agir sobre o mundo, também me exauri as energias a maneira como hegemonicamente essas duas áreas são tratadas e trabalhadas. Meus interesses e inclinações como alguém formado em Comunicação Social caminham muitas vezes na contramão das discussões promovidas nas disciplinas, nos congressos, nos artigos, etc. Afastei-me a tal ponto de tais ambientes que chego quase a um mutismo, uma paralisia e uma ignorância sobre o assunto. Sinto-me um estrangeiro em meu próprio país natal. A questão da comunicação passa por outro lugar e todos esses pensadores da comunicação parecem deixar escapar algo que me é essencial. O *entre*. Não como conceito, mas algo que efetivamente surge na prática, nas reflexões e na palavra.

A urgência não está na mudança de discurso, mas na alteração da nossa relação com a linguagem e com a palavra. Por isso, muitas vezes conversamos com um especialista em Dostoiévski ou com um especialista em Kafka e logo ficamos imensamente tristes e decepcionados, pois percebemos que em sua história, em seu corpo e em sua conversa não há o menor sinal de qualquer inquietação kafkiana ou dostoiévskiana, e que ele, em sua víscera, desconhece inteira e realmente aquilo sobre o que fala e que

sua vida se desenrola na antípoda da idéia que propaga (PESSANHA, 2006, p. 33).

Com a educação acontece algo semelhante, essa dupla relação. Comecei a pensar nas questões que concernem à educação a partir das reflexões de Luis Carlos Restrepo (1998). Restrepo não fala diretamente sobre educação e tampouco é um especialista na área, mas apresenta uma reflexão viva e cheia de inquietações a respeito do analfabetismo afetivo que assombra a todos.

Sabemos do A, do B e do C; sabemos do 1, do 2 e do 8; sabemos somar, multiplicar e dividir, mas nada sabemos de nossa vida afetiva, razão pela qual continuamos exibindo grande entorpecimento em nossas relações com os outros [...] (RESTREPO, 1998, p.19).

Algo no Restrepo me fascinou. Os olhos vibram mais ao ver uma linda árvore quando nosso corpo carrega uma pesada hereditariedade desértica. É porque senti na pele este analfabetismo afetivo, porque o incorporei, porque ele anda por meu corpo, porque sofri em um proto-lar mudo, sem diálogo, sem proximidade, sem toque, sem o que imagino por *comunicação-educação*, que Restrepo parecia escrever com meu sangue. Não é de se espantar, e somente hoje entendo, que as questões referentes à comunicação e educação tenham me chamado. E não necessariamente estes os nomes, comunicação e educação, que me atraem. Mas isto que criamos na relação com o outro, essa forma dos corpos se encontrarem e se afetarem. O que pode um corpo? Ou melhor, o que podem corpos em relação? “Ali, em face do abismo e do fascínio, saberemos de maneira patética que não há sentido oculto por decifrar, que não há meta por alcançar, que, sendo impossível ir mais além da pele, é tarefa suficiente pretender entender o que pode o corpo” (RESTREPO, 1998, p.110).

Não encontrando abrigo para o que sinto em relação à *comunicação-educação*, sigo margeando essas duas áreas, sempre a beira de desistir e de autointitular-me ignorante absoluto sobre o assunto. Mas é em Restrepo que sinto que está a chave para fazer a

confluência possível da comunicação e educação. A comunicação e a educação não estão em algo dado, instituído e pré-formatado, mas ambas, e sem distinção, surgem na relação, no ato de sentir o outro, afetar e ser afetado por ele.

Sendo assim, apresentar definições, enquadramentos, fundamentos ou um pensamento axiomático seria pretensioso demais e completamente contraditório com o que tento construir ao longo desse texto. Os afetos e os encontros não são fundamentos, são cores e movimentos, sensibilidades. Timbrar, esse verbo é um movimento que me ajuda a entender esse *entre* que é o espaço da *comunicação-educação* por excelência. Conheci esse verbo nas minhas recentes aulas de coral. Duas vozes timbram quando entram na mesma frequência, já não se sabe de onde vem o som, desta ou daquela pessoa. O som timbrado tampouco é uma síntese das vozes, mas algo que nasce entre elas. Pensar na comunicação como um *entre* é descartar o tipo de pensamento que a reduz a um esquema de emissor, receptor e meio. São essas três coisas, e tantas outras, que na verdade timbram em uma e criam algo que podemos chamar de comunicação. Tampouco a educação como *entre* permite com que enxerguemos a divisão clara entre aquele que educa e aquele que é educado; “[...] ninguém educa ninguém, como tampouco ninguém se educa a si mesmo: os homens se educam em comunhão, mediatizados pelo mundo” (FREIRE, 2011 [a], p. 96). E entre a comunicação e a educação, o que há? Nada, já que se trata do mesmo movimento que pode surgir entre os corpos. Afirmiação perigosa, pois pode despertar ódio naqueles que defendem as especialidades dos saberes para ter sua parcela de poder e conhecimento. No ambiente acadêmico, a interdisciplinaridade, que a princípio já parte de um pressuposto de separação, só pode ser estudada como conceito e deve ser mantida bem longe dos pilares que sustentam a universidade para que não seja uma ameaça à integridade de sua estrutura sólida de mármore frio.

Olhar para o *entre* é também olhar para tudo que não nos permite criá-lo, todas as violências que nos atravessam dia-a-dia. Não ignorar este estado de analfabetismo afetivo em que não nos sentimos e, portanto, não *comunicamos-educamos*. É entender que o problema não está só ali, na sociedade macroconcebida, mas em suas relações mais cotidianas. Que os sistemas de poder, de não comunicação, de não educação se apresentam em nosso corpo da maneira mais material que possamos conceber.

É ao adentrar no que Michel Foucault chamou de vascularidade do poder, que nos damos conta da importância dessas redes cotidianas em que se constituem, milímetro a milímetro, as estruturas políticas e institucionais que tanto criticamos na esfera do público, mas cuja existência quase nunca questionamos no mundo do privado (RESTREPO, 1998, p. 13).

O que restaria de todo esse aparato que chamamos de comunicação e educação ao pensar no *entre*? Pensar essa relação, essa confluência, possibilita problematizar o que até então chamamos de comunicação e educação. Basta olhar para a própria vida e se perguntar o que restou de básica, dos xilemas, dos movimentos uniformemente variados, das orações coordenadas assindéticas, das estepes. Quase nada ou nada. Não é preciso ir longe para descobrir que “[...] o que nos resta depois de muitos anos de formação na escola ou na universidade, de convivências na rua ou na família, não são tanto cadeias de argumentos ou blocos de informação, mas a lembrança do clima afetivo interpessoal que pudemos respirar” (RESTREPO, 1998, p. 58).

Foi isso a universidade para mim. Não foram tanto os conteúdos programáticos que me fizeram pensar, por exemplo, o que exponho neste texto e ter a coragem de dizer da forma como digo, indeterminada, pessoal, vulnerável. Foram os encontros, as pessoas que conheci, as conversas, e sim, claro, um bom professor, mas não como aquele que domina um saber, mas aquele que me apresenta uma questão. Na medida em que vivia essas experiências só podia pensar que todos deveriam ter a oportunidade de viver esse momento de elaborações, de experimentações, de angústias, de dores, de separações, de estranhamentos, de desconstruções, de sociabilidades, de conflitos, de leituras, de escritas. Pensei o quanto seria importante, por exemplo, fazer com que as pessoas pensassem na comunicação, não no sentido de lhes dar instrumentos tecnológicos, mas de criar espaços em que se pensem as relações.

Quando se pensa em relação, deve-se pensar em movimento, “não há um termo de onde se parte, nem um ao qual se chega ou se deve chegar. Tampouco dois termos que se trocam” (DELEUZE, 1998, p. 10). *Comunicação-educação* é um clima de relação, não é uma soma, ou síntese de dois elementos ou de dois corpos. Mas algo que surge entre eles e que só

pode encontrar morada naquele espaço e naquele momento. A *comunicação-educação* significa, portanto, estar com outro, afetá-lo e ser afetado por ele. Ser afetado, em um sentido corpóreo, é transformar-se, não sair ileso de um encontro, minar as barreiras que nos impedem o contato. Tentando destituir a hegemonia dualista da alma sobre o corpo, Spinoza nos traz a importância do encontro e dos afetos (SPINOZA, 2013). É de se admirar seu grande passo em direção ao anseio de Zaratustra: “Eu vos imploro, irmãos, permaneço fiéis à terra e não acrediteis nos que vos falam de esperanças supraterras” (NIETZSCHE, 2011, p. 14). Falar em *comunicação-educação* como encontro entre corpos que se afetam é trazer para comunicação e para educação um sentido material e terreno, afastado das crenças que tal trama se desenrola em certos objetos ideias para além de nosso corpo. Somos convidados a “[...] não mais enfiar a cabeça na areia das coisas celestiais, mas leva-la livremente, uma cabeça terrena, que cria sentido na terra!” (NIETZSCHE, 2011, p. 33).

Dar sentido ao corpo, escutar sua voz significa valorizar a experiência vivida e sentida. Experiência como única forma de escapar do discurso vazio, como única forma de afetar o outro, de *comunicar-educar*. Compreendo que ao falar em *comunicação-educação* como potência de vida, como o ato de enxergar o outro, ignoro toda uma face dos afetos tristes, das relações tirânicas, diminuidoras de vida, dos encontros violentos dos corpos. Os contornos de tais elementos ainda estão por se desenhar, mas é importante salientar que ao falar em *comunicação-educação* procuro aproximar-me da noção de Paulo Freire da educação como prática de liberdade, e afastar-me da noção de educação bancária. Portanto, não nego a existência de uma comunicação e educação hierárquicas, violentas, que impedem o encontro, que diminuem a potência de agir dos corpos, mas não é dessa modalidade que procuro pensar neste momento.

O que chamo de *comunicação-educação*, que pode tomar tantos outros nomes, não surge como uma tentativa de delinear um novo campo científico. Surge como urgência, como algo que pede meu corpo, e ainda assim, não se trata de individualismo. “Precisávamos de uma pedagogia de comunicação com que vencêssemos o desamor acrílico do antidiálogo” (2011 [b], p.142). Esse desamor está materializado nas formas de dominação, de poder sobre o outro e nas violências sutis que se aninham nas relações mais íntimas de nosso cotidiano. Sendo assim, pensar e viver a *comunicação-educação* é a tentativa de fazer a revolução lá

onde ela é possível, ainda que dolorosa e difícil, em nosso corpo, em nossas relações. E quem sabe daí extrair algo de mudança, um tipo de consciência que não aprisione a educação na escola e a comunicação nas tecnologias. Mas que possa enxergar estes processos permeando todas as relações, pois são elas mesmas, a comunicação e a educação, a relação. Precisamos pensar neste fio condutor que nos permita criar uma ética dos afetos, não uma moral impositiva. Um tipo de conhecimento que não esteja capturado pela lógica e pela razão fria, mas que brote dos afetos, das relações.

Mas é bom constatar que nem sempre se apresentou, na história dos povos, esta dissociação entre a afetividade e o conhecimento intelectual, nem esta exclusão social das vivências que não conseguem expressar-se na estrutura racional da linguagem falada. Há muitos povos - entre os chamados primitivos - que dedicam grande parte de seu tempo ao intercâmbio lúdico ou ao cuidado corporal, inclusive mais tempo do que dedicam às tarefas produtivas (RESTREPO, 1998, p.29).

Por isso pensar as relações, *comunicação-educação*, é revolução no sentido mais concreto. Porque para isso teríamos que, a partir de nossas próprias vivência e relações, criar outros pesos e medidas. Outras formas de estar no mundo e de nos ligar aos corpos e aos espaços. É urgente que criemos outra forma de escrita, preocupada com afetar o outro, preocupada em imprimir as questões que chamam o escritor, ou melhor, as questões que o escrevem; preocupada não com o discurso, como falei no começo do texto, mas com a relação com a palavra e a linguagem. Palavra sentida. E quem sabe então possamos “superar o abismo que de maneira injusta nossa cultura abriu entre o conhecimento e a afetividade” (RESTREPO, 1998, p. 46).

Tudo o que venho falando – encontro, afetos, *entre*, olhar para a relação, sentir o outro, sentir a dimensão da ternura em nossas vidas, materializar a discussão nos corpos, em nosso corpo, olhar para os movimentos, para as cores, falar a partir da experiência – se materializa em minha prática e estudo do Aikido. Esta arte marcial nasceu no Japão a partir de um tipo de conexão que pode se criar entre os corpos, um *entre*, que Morihei Ueshiba traduziu em forma de um estudo dos encontros. Aikido é arte marcial, mas assemelha-se também a

dança, um caminho circular em busca da harmonia. Ai ki do, harmonia, energia, caminho. Imaginemos o estudo de Aikido entre duas pessoas em que uma delas simula uma situação de agressão, um agarrar firme, uma investida de energia contra o corpo do outro. Este outro, na prática de Aikido, busca um caminho, mas não qualquer caminho. Busca o caminho da harmonia, da leveza e do timbrar da dança. Sendo assim, o exercício é o seguinte: livrar-se desse agarrar sem devolver a agressão. Talvez seja mais fácil para o leitor, que nunca se aproximou do estudo do Aikido, um exemplo mais cotidiano. Alguém te agride verbalmente, um estranho ou alguém amado, não importa. Como solucionar este aparente conflito sem devolver na mesma moeda e criar mais violência e mais tristeza? Veja, não se trata de passividade, nem de aceitação. Trata-se de achar um caminho circular e harmonioso, um ponto de conexão, um *entre*, ou *Mussubi*, como denominamos no Aikido. Aikido não nega o conflito, mas busca outro caminho diante dele.

Nietzsche (2011), em *Zaratustra*, fala das três metamorfoses do espírito: o espírito se torna camelo, o camelo se torna leão e o leão, por fim, criança. O camelo é aquele que leva o pesado e sua existência depende desse carregar de fardos. Ora, quantos camelos não vemos pelas ruas? Quantas vezes não somos nós os camelos? O camelo goza diante do pesar de seus fardos e caminha solitário no deserto. O leão surge em movimento de luta, quer tornar-se senhor do deserto, ser livre. Neste intento, transforma-se em um grande não, agindo sempre de modo reativo. Mas para Nietzsche não basta aquele que carrega, nem aquele que renuncia, mas a terceira metamorfose se constitui em um lindo desabrochar da potência: a criança. “Inocência é a criança, e esquecimento; um novo começo, um jogo, uma roda a girar por si mesma, um primeiro movimento, um sagrado dizer-sim.” (NIETZSCHE, 2011, p. 28-29). Não é a atoa que muitos poetas encontram suas palavras cheias de cores e movimentos na abertura que possuem de assumir esse devir-criança, que nada tem a ver com idade ou com uma fase específica do desenvolvimento humano. Para mim, o grande exemplo de um poeta que acessa esse devir-criança e que tem me fascinado cada vez mais é Manoel de Barros.

Bernardo é quase árvore
Silêncio dele é tão alto que os passarinhos ouvem de longe.
E vêm pousar em seu ombro. (BARROS, 2013, p.297)

Palavras de delicadeza, cheias de simplicidade e de vida. Quanta ternura Manoel de Barros nutre por seu amigo Bernardo e que exemplo daquele que cria a criança em si e transborda em palavras e sensibilidade!

Não mais agir como leão significa não negar o outro nem lhe fazer afronta e sim ter a leveza da criança, criar um *entre*. É o que busco fazer em minha escrita. O caminho que me convido a trilhar é o de escrever não para negar, mas para criar. Sim, admito, ainda há, neste texto, muito de leão. Este leão é necessário, mas não pode encerrar o que digo, caminho em direção à criança, a pensar esse *entre*, essa confluência possível, *comunicação-educação*, que para mim é tão urgente.

Considerações

As reflexões ensaiadas neste texto surgem como afetos em movimento em meu corpo. Palavras há muito tempo engasgadas que agora saem muito mais como questões do que como afirmações. O texto se constitui não só como um ensaio de afetos, mas como um ensaio de minha escritura, que busca trazer a experiência para a palavra. Tomar para si o dito, ter coragem de entoar a própria voz, coragem da verdade, de minha pequena verdade. Pergunto-me se na academia encontrarei caminhos para uma escrita poética, uma escrita que busca afetar o outro, saindo do jogo das citações mecânicas e do discurso asséptico da ciência. Não busquei criar novos conceitos ou desenhar os futuros alicerces de uma nova teoria e, sem dúvidas, a discussão não se encerra por aqui. A confluência possível entre a comunicação e a educação se apresenta como porta de entrada para olhar tudo aquilo que deixamos esquecido. Este suposto espaço vazio terrível e medonho. Lá de onde ninguém habitava surge um vento, um sopro de vida para repovoar o deserto que somos e encontrar na exuberância resplandecente da íris amiga nossa própria existência. Por que a tentativa de enunciar um discurso da *comunicação-educação* como *entre*?

Exaustos, a ponto de desfalecer, amancebados com a melancolia e sem forças para convencer as multidões de grandes projetos, acreditamos ser possível apostar ainda na ternura, espécie de revolução molecular das rotinas da vida cotidiana que, em princípio, não tem por que conter um espaço maior do que aquele que conseguimos abranger com a mão estendida. Entre outras coisas, porque, tratando-se da ternura, não tem sentido pretender ir além do corpo (RESTREPO, 1998, p.110).

Referências

BARROS, Manoel de. **Poesia completa**. São Paulo: LeYa, 2013.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. São Paulo: Editora Escuta, 1998.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 50 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011 [a].

FREIRE, Paulo. **Pedagogia como prática de liberdade**. 14 ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2011 [b].

NIETZSCHE, Friedrich. **Assim falou Zaratustra**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

PESSANHA, Juliano Garcia. **Certeza do agora**. Cotia, SP: Ateliê Editorial, 2006.

RESTREPO, Luis Carlos. **O Direito a Ternura**. Petrópolis, RJ: Editora Vozes, 1998.

SPINOZA, Baruch. **Ética**. 2.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2013.